

Louca por Amor? A Violência de Gênero sob a máscara da comédia em *Mad Love* (1994)

Juliana Avila Pereira¹;
Daniele Gallindo-Gonçalves²

¹Universidade Federal de Pelotas – jul.av49@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – danigallindo@yahoo.de

1. INTRODUÇÃO

A personagem Harley Quinn, surgida inicialmente na série animada *Batman: The Animated Series* (1992) e consagrada na graphic novel *Batman: Mad Love* (1994), tornou-se um dos casos mais emblemáticos da cultura pop ao representar simultaneamente o arquétipo da mulher apaixonada e vítima de violência de gênero. Criada por Paul Dini e Bruce Timm, Harley rapidamente conquistou o público e se consolidou como ícone pop. Contudo, seu sucesso está profundamente vinculado a uma narrativa de abuso: sua origem é sempre veiculada como uma jovem psiquiatra (Harleen Quinzel) que, fascinada por um paciente insano (Coringa), abandona a própria identidade para se tornar cúmplice e vítima de violência física, psicológica e simbólica.

O objetivo deste trabalho é analisar como *Mad Love* articula elementos da cultura pop e constrói uma narrativa que representa, e ao mesmo tempo ajuda a normatizar, dinâmicas históricas de violência contra mulher. A personagem, como apontam Cruz e Stoltzfus-Brown (2019, p. 204), “ao mesmo tempo serve como um objeto de desejo para leitores masculinos” e como um exemplo ficcional de mulher que se submete ao parceiro abusivo. Essa dupla função – sujeito e objeto, vítima e fetiche – remete ao que Simone de Beauvoir descreve em *O Segundo Sexo* (2016) como a “mulher apaixonada”: aquela que abdica de si mesma para existir exclusivamente através do homem amado, transformando cada gesto e cada dor em prova de devoção.

Além de Beauvoir, recorreremos a conceitos de gênero e performatividade postulados por Judith Butler (Butler, 2021), para discutir como Harley Quinn repete atos e padrões sociais que a moldam como personagem feminina submissa. Também dialogaremos com Pierre Bourdieu (2019) sobre violência simbólica – entendida como um tipo de dominação não-física que naturaliza desigualdades, mantendo mulheres em posições de inferioridade mesmo sem uso direto da força.

As reflexões sobre masoquismo feminino, sexualização e fetichização da personagem, discutidas por Kate Roddy (2011) ajudam a compreender por que Harley Quinn se tornou tão popular, inclusive entre mulheres, mesmo sendo uma representação de uma relação abusiva. Complementarmente, estudos como Metz e Swarts-Levine (2018) destacam que as escolhas narrativas – roteiros, humor, design visual – influenciam a percepção do público sobre Coringa, Harley e o próprio abuso, podendo estetizar, romantizar ou criticar essas dinâmicas.

Por fim, relacionaremos essa análise com a realidade da violência contra a mulher: dados recentes do Fórum Brasileiro de Segurança Pública mostram que mais de 70% dos casos de feminicídio são cometidos por parceiros ou ex-parceiros íntimos, evidenciando que a ficção dialoga diretamente com práticas sociais estruturais. Ao fazer essa ponte entre teoria, cultura pop e realidade histórica, pretendemos analisar criticamente como narrativas como *Mad Love* podem, ao

mesmo tempo, reforçar estereótipos opressores e abrir caminhos para subversão e debate público.

2. METODOLOGIA

Utilizamos o chamado Método Circular proposto por Umberto Eco (2001). Esta metodologia é uma forma de análise que considera partir do contexto social (elementos externos) para o contexto estrutural (elementos internos) da obra analisada. Neste sentido, esta metodologia consiste em produzir a descrição de dois contextos (ou de outros contextos acrescentados no jogo interpretativo) com base em critérios homogêneos (Eco, 2001).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A aclamada história em quadrinhos *Batman: Mad Love* (1994), de Paul Dini e Bruce Timm, transcende sua função como narrativa de origem da personagem Arlequina para se estabelecer como uma poderosa alegoria sobre as estruturas de opressão historicamente impostas às mulheres. Através da trágica jornada da Dra. Harleen Quinzel, a obra reverbera e critica mecanismos de controle, silenciamento e anulação da identidade feminina que ressoam profundamente com contextos sociais e históricos mais amplos. A análise de sua trajetória revela como a personagem se torna um arquétipo da subjugação, refletindo padrões de abuso e dependência que são centrais para a crítica feminista.

Um dos pilares dessa análise reside na anulação da identidade profissional e intelectual de Harleen. Sua transformação em Harley Quinn é inaugurada pela desvalorização de sua posição como psiquiatra, uma mulher que havia alcançado autoridade no campo intelectual. O Coringa, figura que encarna o opressor, não a subjuga pela força física, mas pela manipulação de sua capacidade analítica, convertendo sua empatia e ambição profissional em instrumentos para sua própria dominação. Este processo é análogo ao padrão histórico de minimização e apropriação das contribuições intelectuais femininas por figuras masculinas. Ao renunciar a seu nome e título (Dra. Quinzel) em favor de um alter ego performático e subserviente (Harley Quinn), ela encena simbolicamente o sacrifício da autonomia em troca da validação masculina.

O ponto de maior tensão dramática e analítica ocorre no clímax da história, que serve como uma tese sobre a punição da autonomia feminina. Harley Quinn é castigada não por um fracasso, mas por seu sucesso retumbante: ao capturar o Batman, ela demonstra uma competência que ameaça a dominância de seu parceiro. Dentro de uma estrutura de poder patriarcal, a competência feminina é frequentemente percebida como uma afronta direta. A reação violenta do Coringa é uma reafirmação brutal de hierarquia, comunicando que a individualidade e o talento dela são aceitáveis apenas enquanto subservientes aos seus objetivos. Este evento ecoa a marginalização e a punição histórica de mulheres que ousaram desafiar normas de gênero e demonstrar poder em esferas tradicionalmente masculinas. Finalmente, a conclusão da obra oferece sua crítica mais sombria através da ilustração do ciclo de abuso e da internalização da opressão. Mesmo após a agressão e o descarte, a resolução de Harleen em se libertar se mostra efêmera. A tragédia de Harley Quinn, portanto, não reside apenas na violência que ela sofre, mas em sua incapacidade internalizada de se conceber fora dessa dinâmica.

A luz do exposto, a análise de Harley Quinn e sua representação em *Batman: Mad Love* (1994) exige uma reflexão crítica sobre os modos como o gênero é construído, representado e naturalizado na sociedade e, em decorrência, na cultura pop. O gênero, longe de ser uma essência biológica, constitui-se como um processo histórico, cultural e discursivo que estrutura as relações sociais, as expectativas sobre os comportamentos de homens e mulheres e, consequentemente, molda subjetividades e representações artísticas.

Em *O Segundo Sexo*, Simone de Beauvoir (2016) define a mulher não como portadora de uma essência natural, mas como resultado de um longo processo histórico-social no qual o homem ocupa o lugar de sujeito universal, e a mulher é relegada à condição de “Outro” (Beauvoir, 2016, p. 9). Essa lógica se explicita especialmente na figura da mulher apaixonada, para quem “o homem amado se torna o valor supremo, a quem ela subordina toda a sua existência” (Beauvoir, 2016, p. 626). Para Beauvoir, essa entrega radical não é apenas afetiva, mas existencial: a mulher apaixonada anula sua autonomia, transforma cada gesto em sacrifício e faz do sofrimento uma prova de devoção, tornando-se uma espécie de vassala e escrava (Beauvoir, 2016). Esse padrão de entrega, longe de ser individual, é construído historicamente e reforçado culturalmente, como se fosse parte da “natureza feminina”.

Judith Butler, em *Problemas de Gênero* (2021), retoma essa crítica à essencialização do gênero e propõe que o gênero é performativo, isto é, não se trata de algo que se “é”, mas de algo que se “faz” em um processo contínuo e repetitivo. Ou seja, as identidades de gênero são constituídas pela repetição de atos, gestos, discursos e normas sociais que produzem a aparência de naturalidade. Butler (2021) afirma que “o gênero não é um fato estável, mas uma prática incessante de construção” (Butler, 2021, p. 52). Nesse sentido, comportamentos como submissão, idealização romântica, passividade e autoanulação, quando reiterados, tornam-se performativos: moldam as identidades femininas e reforçam estruturas patriarcais. O caso de Harley Quinn ilustra esse processo, pois, ao repetir gestos de devoção extrema, renúncia e tolerância ao abuso, a personagem encena o papel da mulher apaixonada como se fosse inevitável, mas, na verdade, está performando normas de gênero historicamente construídas.

Neste sentido, Pierre Bourdieu, em *A Dominação Masculina* (2019), contribui para essa análise ao explicar como essas relações de poder são mantidas não apenas por coerção física, mas sobretudo por meio da violência simbólica. Segundo Bourdieu (2019), essa forma de violência é um poder quase invisível que se exerce essencialmente através das vias simbólicas da comunicação e do reconhecimento (Bourdieu, 2019). É a imposição de significados e normas sociais que naturalizam as hierarquias de gênero, tornando-as legítimas aos olhos de todos, inclusive das mulheres. No caso de Harley Quinn, a internalização da violência simbólica aparece quando ela interpreta o abuso do Coringa como expressão de amor – “Ele me ama... só não sabe demonstrar” (Dini; Timm, 1994) – evidenciando como o poder patriarcal se legitima mesmo quando a violência é explícita.

Em suma, *Batman: Mad Love* utiliza a linguagem dos quadrinhos para trazer à tona temas universais da opressão feminina. A personagem de Harley Quinn funciona como um microcosmo das lutas históricas das mulheres contra a anulação de sua identidade, a manipulação por meio de ideais românticos, a punição pela competência e os complexos mecanismos psicológicos que perpetuam a

subjugação. A relevância duradoura da obra reside em sua habilidade de traduzir uma complexa dinâmica de poder social para uma tragédia pessoal.

4. CONCLUSÕES

Em suma, a análise da personagem Harley Quinn, sustentada por Beauvoir, Butler, Bourdieu e estudiosas contemporâneas, revela que gênero não é uma essência imutável, mas uma construção histórica e cultural profundamente ligada às estruturas de poder. Essas construções são performadas, legitimadas por violência simbólica e disseminadas pela cultura pop, que pode tanto reproduzir narrativas opressoras quanto ser terreno de resistência e crítica. *Mad Love* funciona como uma crítica – ainda que ambígua – ao ciclo de violência e dominação ao qual a personagem está submetida, evidenciando como as relações de gênero, a dominação masculina e a violência simbólica moldam subjetividades femininas. A obra se consagra como um texto fundamental para a análise da mitologia da personagem, ao aprofundar as dinâmicas de poder e patologia que definem o universo do Batman.

A narrativa é estruturada em torno da figura da Dra. Harleen Quinzel, cuja trajetória representa a desconstrução do arquétipo da profissional competente e racional. Sua ambição a cega para os perigos da transgressão profissional, e durante as sessões de terapia, o Coringa emprega uma estratégia de manipulação sofisticada, tecendo narrativas trágicas que despertam em Harleen um sentimento de compaixão e identificação. Esse movimento marca o início da condição da mulher apaixonada, que anula progressivamente sua autonomia. O consultório, espaço em que Harleen deveria exercer autoridade profissional, torna-se palco de uma inversão, com o Coringa se tornando o manipulador. A obra, portanto, não apenas canonizou a origem de Harley Quinn, mas também aprofundou as dinâmicas de poder e patologia que a definem no universo Gotham City.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEAUVOIR, S. D. *O Segundo Sexo: A experiência vivida*, volume 2. Tradução Sérgio Milliet. – 2 ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2016.
- BOURDIEU, P. *A Dominação masculina*. Tradução Maria Helena Kuhner. 1 ed. São Paulo: Bertrand Brasil. 2019.
- BUTLER, J. *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. Tradução Renato Aguiar. – 21^a ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.
- CRUZ, J.; STOLTZFUS-BROWN, L. Harley Quinn, Villain, Vixen, Victim Exploring Her Origins in Batman: The Animated Series. In: PEASLEE, Robert; WEINER, Robert (org). *The Supervillain Reader*. Mississippi: University Press of Mississippi, 2020.
- DINI, P.; TIMM, B. *Batman: Mad Love and Other Stories*. 1 ed. New York: DC Comics. 2011.
- ECO, U. *Apocalípticos e Integrados*. – 2 ed. – São Paulo: Editora Perspectiva. 2001.
- METZ, N.; SWARTZ-LEVINE, J. *Why So Serious, Mistah J? A Psychological Analysis of Identity and Perception of The Joker and Harley Quinn*. Senior Thesis, p.27, 2018.
- Roddy, Kate. Masochist or Machiavel? Reading Harley Quinn in Canon and Fanon. *Transformative Works and Cultures*, 8, pp. 1–26, 2011.